

# LINGUASAGEM

## PANDEMIA DE COVID-19 E O HÁBITO DE ESCRITA DE ALUNOS CONCLUINTE DO ENSINO TÉCNICO DE NÍVEL MÉDIO: APONTAMENTOS SOBRE ESCRITA E JUVENTUDES

Rodrigo Alves dos SANTOS<sup>1</sup>  
Gabriela Dutra CORDEIRO<sup>2</sup>

**Resumo:** Sendo uma das parcelas da sociedade mais fragilizadas pelo histórico de negligência e falta de políticas públicas mais bem delineadas, as juventudes brasileiras se viram, em 2020, confrontadas com o quadro devastador gerado pela pandemia de COVID-19 e suas consequências sobre várias dimensões de nossas vidas. Nesse cenário, o presente artigo apresenta reflexões que buscam responder à seguinte pergunta de pesquisa: qual o impacto da pandemia de COVID-19 no hábito de escrita de estudantes concluintes do ensino técnico de nível médio? Com base nos resultados de um estudo empírico realizado com alunos concluintes de uma escola técnica de nível médio, são apresentadas pistas sobre as perguntas e os procedimentos investigativos que nós das ciências da linguagem poderemos nos fazer e adotar – no que se refere à relação juventudes e escrita – nesse contexto pós pandêmico que já se configura aos nossos olhos.

**Palavras-Chave:** Juventudes; hábitos de escrita; Pandemia de COVID-19; Problematizações.

**Abstract:** As one of the segments of society most weakened by the history of negligence and lack of better-defined public policies, Brazilian youth found themselves, in 2020, confronted with the devastating picture generated by the COVID-19 pandemic and its consequences on various dimensions of our lives. In this scenario, this article presents reflections that seek to answer the following research question: what is the impact of the COVID-19 pandemic on the writing habit of high school students graduating from technical education? Based on the results of an empirical study carried out with graduating students from a high school technical school, clues are presented about the questions and investigative procedures that we in the language sciences can ask ourselves and adopt - with regard to the relationship between youth and writing - in this post-pandemic context that is already shaped in our eyes.

**Keywords:** Youths; writing habits; COVID-19 pandemic; Problematizations.

### Considerações Iniciais

---

<sup>1</sup> Doutor em Educação pela FaE/UFMG. Professor de Língua Portuguesa, Literatura e Cultural do campus Divinópolis do Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais – CEFET-MG. E-mail: [rodrigo.alves@cefetmg.br](mailto:rodrigo.alves@cefetmg.br)

<sup>2</sup> Bolsista de Iniciação Científica PIBIC-EM CNPq. Estudante do curso Técnico em Informática do campus Divinópolis do Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais – CEFET-MG. E-mail: [gabrieladutra000@gmail.com](mailto:gabrieladutra000@gmail.com)

O quadro de emergência de saúde pública declarado pela pandemia da COVID-19 no ano de 2020 e ainda vigente no momento da escrita deste texto, em meados de 2021, é algo cujos efeitos (para além dos já vistos) são da ordem do inalcançável, sobretudo em países já frágeis socialmente e economicamente vulneráveis como os da América Latina (GARCIA JARAMILLO, 2020). Nesse conjunto de nações entre as quais se encontra o Brasil, para além do sofrimento emocional gerado em pelo espantoso número de mais de 518 mil vidas ceifadas pela doença até o momento, grupos já anteriormente vulneráveis como as juventudes<sup>3</sup> foram confrontados com situações-limite que lhes eram completamente desconhecidas, as quais estão sintetizadas no seguinte parágrafo:

Dentre as medidas de distanciamento social, destaca-se, para este grupo [dos sujeitos jovens], o fechamento de escolas, clubes, academias, shoppings, praias e parques. Com isso, [eles] passam a ficar restritos ao ambiente doméstico, sem a possibilidade de se relacionar fisicamente com seus pares e, possivelmente, aumentando a procura por jogos virtuais, acesso a vídeos e uso de redes sociais (BALHARA et al, 2020). Adicionado a isso, impôs-se o excesso de contato dentro do núcleo familiar e, porventura, ausência de privacidade. Enquanto há relato das famílias com crianças de que estas têm demonstrado felicidade frente ao aumento do tempo com os pais, essa não é a realidade mais comum para os adolescentes e jovens, que vivenciam uma interrupção no processo de busca por identidade fora de casa. O distanciamento físico atual também é acompanhado de impactos econômicos para algumas famílias, o que pode aumentar o conflito dentro das casas e a insegurança emocional (MARQUES et al, 2020). (MILIAUSKAS, FAUS, 2020, p.2-3). [Texto adaptado].

Tal cenário ganha contornos ainda mais pesados se considerada a perspectiva de alunos e alunas que estudam nos institutos e centros federais de educação tecnológica que há tempos são reconhecidos como “ilhas de excelência”<sup>4</sup> nas quais jovens entre 15 e 18 anos que estudam nos cursos integrados, por exemplo, passam longos períodos do dia. Trata-se de jovens que, como bem descreve Simões (2019, p.158), “querem mais, querem ir além. Seus sonhos não se reduzem aos *shopping centers*. Querem estabilidade,

<sup>3</sup> Desde o título, optamos, na presente reflexão, por alinhamento com os autores que defendem o emprego plural de termos como **juventudes** e **culturas juvenis**, dada a diversidade de fatores que interferem na construção do sujeito jovem, tais como classe social, gênero e raça, geografia, escolarização e mercado de trabalho entre outros, fazendo com que essa etapa da vida se configure das mais variadas formas. Uma iniciação nessa discussão sobre o uso plural desses termos pode ser encontrada, no breve texto de Eliane Juraski Camillo, disponível em <https://eventos.ifc.edu.br/seminariointegrado/wp-content/uploads/sites/4/2015/03/ELUCUBRA%C3%87%C3%95ES-SOBRE-JUVENTUDE-E-CULTURA-JUVENIL-No-singular-ou-no-plural.pdf>.

<sup>4</sup> In.: **Rede de educação profissional é um dos destaques do ENEM**. Disponível em [http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com\\_content&view=article&id=15685:rededeeducacao-profissional-e-um-dos-destaques-do-enem&catid=209](http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=15685:rededeeducacao-profissional-e-um-dos-destaques-do-enem&catid=209). Acesso em 01 jun. 2021.

previsibilidade, querem estruturar a família, ter lazer e proporcionar melhores condições e margens de manobras para seus descendentes”. São jovens que potencializam as expectativas de concretizar esse projeto de vida com a assiduidade e a dedicação que exigem os pesados currículos das escolas técnicas de nível médio, somada à preparação para o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), cartão de entrada para vida universitária de moças e rapazes que almejam uma formação de nível superior no Brasil.

Tendo todo esse contexto em consideração, apresentamos, no presente artigo, parte dos resultados de uma investigação desenvolvida junto a alunos e alunas concluintes do ensino técnico de nível médio, a qual buscou responder ao seguinte problema de pesquisa: qual o impacto da pandemia de COVID-19 no hábito de escrita de estudantes concluintes do ensino técnico de nível médio?

O recorte aqui apresentado consistiu no estudo exploratório realizado para verificação da viabilidade de uma investigação de fôlego a ser realizada em todo o Estado de Minas Gerais. Os resultados obtidos nesse estudo e o potencial que eles apresentaram para gerar uma reflexão em um grupo de interlocutores qualificado como os leitores e as leitoras do presente periódico nos estimularam a decidir por sua socialização e pela apresentação das reflexões que por eles nos foram suscitadas, reconhecendo a condição de dados parciais de um estudo maior, ainda em desenvolvimento.

Além da presente contextualização, este texto é composto pelo próximo tópico, em que apresentamos o percurso metodológico da pesquisa empírica que buscou respostas para o problema de investigação acima enunciado. Soma-se a essa parte uma seguinte, na qual são apresentados alguns dos principais resultados obtidos e as reflexões que eles nos permitem fazer. Nessa parte, nos permitimos compartilhar com nossos leitores e leitoras interessados nas ciências da linguagem os inúmeros questionamentos que os dados coletados nos têm feito elaborar, socializando, assim, problemas de pesquisa que (esperamos) possam ser objeto de investigação desses colegas que estejam, como nós, interessados em ajudar a sociedade a pensar a produção escrita de jovens no mundo pós pandemia de COVID-19 que ainda há de chegar.

## **Percurso Metodológico**

O estudo empírico que deu origem ao presente trabalho foi realizado entre os últimos meses final do *ano civil* de 2020 e o primeiro trimestre do *ano civil* de 2021,

quando, portanto, ainda era *ano letivo de 2020* em muitas escolas de educação básica do país, dadas as interrupções de atividades letivas geradas pela pandemia de COVID-19.

Nesse contexto, para realização da investigação que deu origem a este texto, foram selecionadas três turmas de terceiros anos do ensino técnico de nível médio de um campus do Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais existente no interior do Estado, totalizando um número de potenciais sujeitos de pesquisa composto por noventa discentes.

Atendidas as devidas exigências ético-burocráticas para realização da investigação, foi feita uma campanha publicitária por meio das redes sociais e outras plataformas digitais do público-alvo do estudo, com vistas a estimular uma maior adesão de participantes na coleta de dados. Isso se fez necessário, tendo em vista que, no momento de pré-teste do instrumento de coleta de dados, foi identificado um desânimo por parte do público em se envolver em pesquisas de coleta de dados, o qual foi atribuído, pelos sujeitos ouvidos, à situação geral da condição de estudante afetada pela pandemia de COVID-19.

Feito esse movimento de estímulo à participação dos jovens na coleta de dados, foi enviado, via contatos de e-mail pessoal e da turma, grupos de WhatsApp e plataformas de interação de aulas online, um instrumento de coleta de dados sob o formato de um questionário. Tal instrumento, desenvolvido em uma plataforma digital de aplicação de questionários, foi composto por três partes – 1. Dados Gerais, 2. Leitura e 3. Escrita –, com um total de 14 perguntas que versaram sobre a situação escolar do/a discente e sobre seus hábitos de leitura e de escrita no momento da aplicação. Nesse cenário, foram obtidos cinquenta e dois retornos, ou seja, pouco mais de 57% da população total almejada.

No recorte da investigação aqui apresentado, dedicamo-nos à apresentação e discussão dos efeitos da pandemia de COVID-19 sobre os hábitos de escrita de jovens concluintes dos cursos técnicos de nível médio da instituição considerada, limitando-nos à produção, pelos sujeitos inquiridos, de textos manuscritos com 15 linhas ou mais. A opção por essas características da produção escrita se deveu ao nosso interesse de verificar a hipótese de influência ou não do Exame Nacional do Ensino Médio sobre a prática de escrita de alunos concluintes da educação básica em um ano que a pandemia de COVID-19 e a conseqüente insegurança gerada quanto à aplicação do ENEM foram fatores que tensionaram os projetos de vida de parte considerável das juventudes do país.

## Hábito de escrita de alunos concluintes do ensino técnico de nível médio e impactos da pandemia de COVID-19

Como já descrito, uma primeira parte do instrumento de coleta de dados aplicado aos jovens concluintes do ensino técnico de nível médio foi composta por perguntas gerais que buscaram saber qual o impacto da pandemia de COVID-19 na organização do ano escolar dos respondentes. Nestes termos, todos os sujeitos responderam que identificaram algum grau de comprometimento não só na organização, mas também na qualidade do processo de ensino-aprendizagem. Assim, 100% dos estudantes alegaram, em espaço aberto no questionário para justificar itens marcados na questão, que, na sua perspectiva, a despeito do esforço dos professores e empenho dos alunos, o ensino presencial se revelava mais produtivo que os Estudos Remotos Emergenciais (ERE) para gerar aprendizagens de qualidade. Trata-se de uma constatação que, assim que outras que veremos a seguir, nos estimula a um retorno ao grupo de jovens ouvidos (assim como à ampliação desse escopo) em busca de um detalhamento das razões para essa observação, algo que em muito poderá contribuir para os rumos da educação formal de jovens que virá depois da pandemia de COVID-19.

No que se refere aos hábitos de escrita dos sujeitos de pesquisa inquiridos neste estudo, o instrumento de coleta de dados solicitou, de início, que os respondentes indicassem onde se enquadravam, antes da pandemia, entre algumas opções de perfil de produtores de textos manuscritos de 15 linhas ou mais a eles oferecidas, o que gerou a Tabela 1 seguinte:

| <b>Produção de textos manuscritos de quinze linhas ou mais feitos antes da Pandemia de COVID-19</b> | <b>Número de Respostas</b> | <b>%</b> |
|---|----------------------------|----------|
| um/a escritor/a esporádico/a, redigindo pelo menos um texto desse tipo a cada três meses do ano     | 29                         | 55,8     |
| um/a escritor/a costumeiro/a, redigindo textos desse tipo com relativa frequência                   | 19                         | 36,5     |
| um/a escritor/a raro/a, redigindo um texto desse tipo por ano                                       | 3                          | 5,8      |

|  |   |     |
|--|---|-----|
| não escrevia textos desse tipo antes da Pandemia de COVID-19 | 1 | 1,9 |
|--|---|-----|

**Tabela 1** – Perfil de produtores de 15 linhas ou mais antes da pandemia  
**Elaboração dos autores**

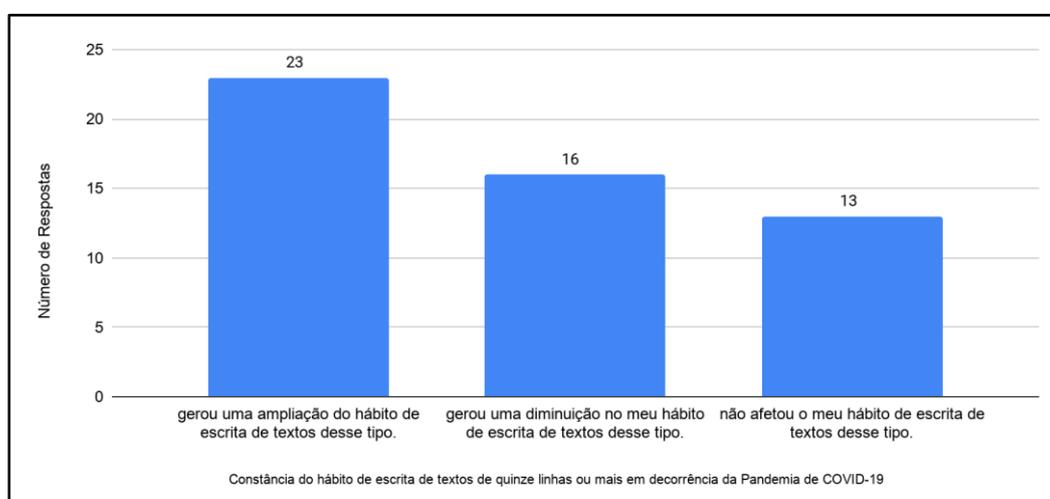
Os dados da TAB.1 indicaram que a escrita de textos manuscritos de 15 linhas ou mais não era algo incomum entre os sujeitos de pesquisa inquiridos nesta investigação. Juntos, escritores *esporádicos* e *costumeiros* compuseram um percentual de 92,3% de jovens para os quais a produção desses textos não era algo infrequente ou incomum. Tem-se, com esse número, um relevante dado para que nós, pesquisadores/as e professores/as do campo das ciências da linguagem, possamos considerar a importância de investigar, no Brasil – ao molde do que Cardoso (*et. al.*, 2018) estão fazendo em Portugal –, qual o lugar que a produção textual escrita, em particular de textos com a extensão maior que a costumeiramente redigida no dia a dia das interações em redes sociais, ocupa na vida do jovem que está por concluir a educação básica formal ou mesmo dos que estão fora da escola. Isso se faz necessário não só para que possamos contribuir para a superação da habitual negligência do Brasil em relação às juventudes e às culturas juvenis (BRASIL, 2014), mas também porque é sabido que, em relação às juventudes, muito das práticas escolares e atividades fora da jornada escolar de moças e rapazes ou é um mundo desconhecido das pesquisas acadêmicas (SPOSITO, SOUZA, SILVA, 2018), ou é um algo imaginado, um objeto ficcional atravessado por representações negativas de adultos que não reconhecem o jovem que existe nos alunos do ensino médio (DAYRELL, CARRANO, 2014).

Se, impulsionados pelos números das edições mais recentes da pesquisa *Retratos da Leitura no Brasil* (INSTITUTO PRÓ-LIVRO, 2020) e por outros fatores, já consideramos nos perguntar o que jovens leem dentro e fora do ambiente escolar – mesmo que em estudos um tanto insipientes –, o mesmo ainda não nos ocorre quanto aos hábitos de escrita da juventude brasileira, razão pela qual compartilhar os dados desta pesquisa e as reflexões por eles gerados nos parece pertinente.

Daí uma pergunta de pesquisa fomentada pela TAB.1 ser, por exemplo: o que esses jovens escrevem quando elaboram textos manuscritos (ou não) de 15 linhas ou mais? Jovens de escolas públicas e privadas dedicam-se ao mesmo tipo de produção escrita quando redigem esses textos? Os jovens que estão frequentando a escola regular apresentam mudanças nos seus hábitos de escrita a depender a série que cursam? E

quando pensamos apenas nos jovens das escolas públicas, os de outras redes que não aquelas compostas pelas escolas profissionalizantes se dedicam à escrita como os discentes destas? Trata-se de questionamentos ao quais precisamos nos ater, considerando o quão árdua é a tarefa de produzir textos escritos e que a tendência dos que buscam aprimorar essa competência é se esbarrar nas representações de que dominar a escrita é um obstáculo insuperável (CARDOSO; PEREIRA, 2015), afastando-se momentaneamente ou até distanciando-se em definitivo de qualquer possibilidade de escrever textos minimamente extensos. Resulta daí que, se essa tão alta adesão à prática da escrita por parte das juventudes retratada na TAB.1 se mostrar uma tendência, não podemos perder a oportunidade que esse cenário gera para investir na formação de produtores de textos escritos com a qualidade necessária para o convívio futuro de mais sucesso para brasileiros e brasileiras.

Quando inquiridos sobre qual o impacto da pandemia de COVID-19 sobre o hábito de escrita de textos manuscritos de 15 linhas ou mais que possuíam antes, os alunos respondentes forneceram dados que levaram à construção do Gráfico 1, a seguir apresentado.



**Gráfico 1** – Impacto da pandemia de COVID-19 no hábito de produção de textos manuscritos de 15 linhas ou mais.

**Elaboração dos autores**

Refletindo sobre o que denomina como os *hábitos de escritura* de jovens portugueses, Cardoso (et.al, 2018) aponta, como também defendem inúmeros estudiosos brasileiros da aquisição e desenvolvimento da linguagem, que “a escrita é um processo reflexivo, que demanda ser movido a prazer, e requer a tomada de decisões, tanto sobre o conteúdo, como sobre a linguagem a utilizar, existindo múltiplas alternativas para a sua

construção, ao nível macro e microestrutural (*id, ibd*, p.5-6). Daí que não deixa de ser deveras surpreendente os dados que geraram o Gráfico 1 acima, considerando que as condições configuradas pela pandemia de COVID-19 não contribuem, certamente, para a promoção de uma ambientação estimuladora para o desenvolvimento de ações como a produção escrita manual. Estudos recentes têm apontado, aliás, exatamente o contrário, quando se debruçam sobre o impacto da pandemia na vida dos jovens, sobretudo no que se refere à vida sem o contato com a escola (VAZQUEZ et.al, 2021; DIAS, PINTO, 2020). O que justificaria, então, as razões para as respostas dos sujeitos de pesquisa que resultaram nos dados do Gráfico 1 acima referido?

As justificativas para o cenário de impacto da pandemia sobre a produção manuscrita de textos de 15 linhas ou mais produzidos por jovens concluintes da educação básica ampararam tanto um quadro de aumento, quanto de diminuição e de estagnação. Entre as causas geradoras de uma ampliação no hábito de escrita então considerado figuraram a necessidade de se preparar para a prova de Redação do ENEM (indicado por 18 sujeitos), seguida pela explicação de que a escola (mais exatamente as disciplinas técnicas, algo importante para o *locus* aqui considerado) passou a exigir mais produções escritas desse tipo entre as tarefas solicitadas (04) e a alegação de existência de mais tempo para se dedicar a esse tipo de escrita (01). Já as alegações para a diminuição na produção desse tipo de texto passaram, primeiro, pela redução na quantidade de produção escrita das tarefas escolares – em particular nas disciplinas de linguagens e humanidades na versão adaptada para os Estudos Remotos (10). Razão à qual se somou a diminuição da prática de escrita causada à instabilidade emocional gerada pela pandemia (04) ou pelas condições domésticas de isolamento social desfavoráveis (02). Entre os sujeitos que permaneceram com hábitos de escrita manual anteriores à pandemia de COVID-19, a alegação geral foi a manutenção de uma rotina de estudos preparatórios para o ENEM que já estava estabelecida desde antes da pandemia, com a produção de textos para professores da redação da escola ou das chamadas “salinhas de redação” que se multiplicaram no formato on-line.

O painel de dados apresentado no parágrafo acima requer uma reflexão mais apurada de alguns dos elementos que apresenta. Reflexão esta que não faremos aqui na costumeira ordem de relevância numérica e quantitativa dos resultados, dado o nosso interesse em deixar para as últimas páginas desta análise o elemento mais recorrente, justificado por sua relação com a hipótese que mobilizou a realização da parte da pesquisa apresentada neste texto.

Isso posto, um ponto de partida para a reflexão acerca do painel de afetações (ou não) do contexto da pandemia no hábito de escrita manual de estudantes concluintes do ensino técnico de nível médio é, como se notou, a velha dualidade entre as disciplinas técnicas e as de formação geral (propedêuticas) tão característica de uma organização curricular na qual a integração de que falam Frigotto, Ciavatta e Ramos (2005) continua a ser, como demonstram os trabalhos de Costa (2020) e Costa e Coutinho (2018), um imenso desafio.

Nesse cenário, as motivações para aumento e redução do hábito de escrita manual por parte dos sujeitos apontam para um dado que, assim como outros que já discutimos anteriormente, indicam a necessidade de ampliação da pesquisa aqui empreendida: o aumento da demanda por escrita desse tipo nas disciplinas técnicas e a redução nas disciplinas de linguagem e humanidades. Mesmo que seja um dado que requeira mais investigação para ser mais bem compreendido, ele nos permite, no mínimo, levantar algumas hipóteses que podem estimular possíveis investigadores leitores do presente texto, assim como nos intrigam neste momento. Estaria, na origem dessa situação, a dificuldade imposta implantação urgente dos Estudos Remotos Emergenciais de que nos falam Lima, Azevedo e Nascimento (2020)? Dito de outro modo: estaria a escrita manual sendo acionada pelas disciplinas técnicas do ensino profissionalizante como saída para a limitação imposta pelo contexto da pandemia a seus métodos e técnicas tradicionais de produção do conhecimento e avaliação de conteúdo, como realização de experimentos e visitas técnicas, por exemplo? E as linguagens e humanidades, tão afeitas à escrita manual nos seus processos de produção do conhecimento e avaliação? Estariam elas tendo de se “reinventar” devido às dificuldades de ora exigir um texto manuscrito (que teria que ser digitalizado, convertido em arquivo com extensões como PDF e posteriormente enviado para que o professor fizesse a correção por meio de uma leitura na tela)? Que gêneros, tipos e formas de produção textual escrita estariam sendo acionados pelas disciplinas técnicas? Os tradicionais relatórios de atividades continuariam sendo as solicitações mais recorrentes? Teriam eles sido substituídos por outros gêneros e formas, orais ou escritos? Como estaria se dando a correção dessas produções entregues pelos discentes? Que outros instrumentos as linguagens e humanidades estariam utilizando para substituir a produção manuscrita? Que demandas tais alterações estariam gerando para o/a aluno/a escritor, no seu ambiente (físico ou virtual) de estudo e nas interações desse/a aluno/a escritor/a com outros/as colegas discentes e com a família que agora assiste e às vezes até participa diretamente da “aula”? Como bem discute Cani (*et. al.* 2020), as tecnologias digitais

praticamente se tornaram inseparáveis da educação formal com a pandemia de COVID-19. Assim, caberia, ainda, questionar: estariam essas tecnologias sendo ou não acionadas por disciplinas técnicas, de linguagens ou de humanidades? E de que forma estaria sendo esse acionamento das TIDCs?

Se nos deixam com todos esses problemas de pesquisa (e com muitos outros que não enunciámos), considerando parte das justificativas para o quadro de afetação do no seu hábito de escrita manual de textos com 15 linhas ou mais, os sujeitos de pesquisa nos presenteiam também com a necessidade de realizar pesquisas que possam responder a problematizações do tipo: de que forma a questão do tempo (no caso aqui, maior) que os jovens passaram a ter durante a pandemia poderia estar afetando a sua prática de escrita de textos manuscritos com a extensão mencionada nesta pesquisa? E a influência (no caso aqui, negativa) do ambiente doméstico – altamente tensionado pela pandemia de COVID-19 – sobre a produção escrita dos jovens? Estaria ela se dando sob que condições e de que forma? Buscar – por meio de investigações de diferentes escopos – respostas a essas questões pode contribuir prevenir repercussões negativas na saúde mental dos jovens, por meio da identificação e posterior intervenção sobre os estressores ambientais do contexto de cada jovem. (INSTITUTO FERNANDES FIGUEIRA, 2020, p.23).

Finalmente, como não poderia ser diferente em uma investigação com alunos concluintes da educação básica, mesmo que restrita à sua vertente profissionalizante como esta, a preparação para a prova do Exame Nacional do Ensino Médio foi o imperativo maior na mobilização dos sujeitos de pesquisa que alegaram um aumento no seu hábito de escrita manual de textos com 15 linhas ou mais durante a pandemia. Somados os sujeitos que ampliaram essa prática devido a preparação para o ENEM com os que alegaram ter preservado tal hábito, tem-se cerca de 60% do público total de respondentes mobilizando essa escrita durante a pandemia por influência do exame, razão que aponta para o potencial da prova como agente indutor da cultura escrita entre jovens que frequentam a escola, mesmo em condições tão adversas como a de uma pandemia.

Faz-se necessário, claro, ampliar os dados da investigação que deu origem a este artigo para outros universos juvenis escolares e não escolares. Isso não diminui, no entanto, a relevância da constatação de que a preparação para o ENEM está na sustentação do hábito de escrita manual dos jovens aqui inquiridos. Fato esse que, em parte, preocupa, dado que o domínio da escrita não se guia, dentro e fora do universo escolar, apenas pela finalidade de obtenção de uma nota em um exame, como bem salienta a Base Nacional

Comum Curricular (BRASIL, 2018) nas mais de vinte vezes em que alude ao trabalho para o desenvolvimento dessa competência nos anos finais da educação básica.

Com o seu incontestável poder de (re)direcionar o ensino médio brasileiro (SCARAMUCCI, 2004), o ENEM está longe de ser uma unanimidade entre nós, professores/as e pesquisadores/as voltados/as para componentes curriculares da escola que operam com as ciências da linguagem. Sua prova de Redação, sabemos nós desde há tempos, se converteu em motivação central – para não dizer a única – para que alunos do ensino médio, nas suas mais diversas configurações, depositem na “aula de redação”, desde o primeiro dia do primeiro ano, expectativas extremamente altas de obtenção de uma nota próxima de 1000. Nesse âmbito, estudos sobre o chamado “efeito retroativo” da redação do ENEM (VINCENTINI, 2014) apontam para a forte influência dessa parte do exame sobre alterações das práticas docentes nas escolas de nível médio de todos os tipos (ANDRADE, 2015). Tal fato indica o quanto trabalho com a produção de texto na escola tem se tornado – palavras nossas – *refém* dessa proposta de produção textual que é redigida sob as mesmas condições e exigências há quase duas décadas.

Números como os indicados pelo Gráfico 1, apontando para a influência do ENEM sobre o desenvolvimento do hábito de escrita dos alunos concluintes da educação básica, mesmo com o contexto como o enfrentado pelos discentes no ano de 2020 não implicam – como defenderiam os mais afoitos – uma defesa do fim do Exame. Um caminho mais produtivo, sem sombra de dúvidas, para essa situação, é o que defende Oliveira Júnior (2014), ancorado nos inúmeros interlocutores com os quais dialoga no seu trabalho:

[...] seria produtora que a prova de redação do ENEM se transmutasse em uma situação concreta de produção de textos, valorizando a pedagogia de exploração dos gêneros textuais; pois, se o referido exame tem influenciado as práticas docentes voltadas para o ensino-aprendizagem da produção textual na escola e as expectativas dos estudantes sobre o sucesso escolar na educação básica, poderia contribuir também para a disseminação de uma pedagogia da escrita mais condizente com as funções sociais da interação verbal; promovendo, com isso, o alinhamento das nossas aulas de língua portuguesa com as proposições teóricas e metodológicas mais recentes advindas das pesquisas desenvolvidas no âmbito da Linguística do Texto. (OLIVEIRA JÚNIOR, 2014, p. 09)

Tem-se, portanto, com o cenário desenhado pelos dados obtidos no estudo que gerou o presente texto não só uma oportunidade de elaborar muitas perguntas que seriam

objeto de futuras investigações a serem realizadas por nós professores/as e pesquisadores/as das ciências da linguagem, como também a sinalização de algumas bandeiras de luta que precisamos assumir no futuro próximo de modo a aproximar juventudes e a escrita, tanto em espaços escolares quanto não escolares.

### **Considerações Finais**

Como anunciado nas considerações iniciais deste texto, a motivação para trazer a público as reflexões aqui apresentadas se deveu, mesmo reconhecendo que são baseadas em dados ainda iniciais do estudo empírico aqui descrito, a dois motivos. O primeiro foi a possibilidade de socializar o cenário e as reflexões aqui desnudados com um público qualificado de leitores de um periódico, na esperança de que contribuições de toda ordem possam ajudar a delinear não só objetos de pesquisa quanto argumentos, respostas e ponderações para dilemas que precisam ser resolvidos quando se pensa a relação juventude e escrita no âmbito das ciências da linguagem.

O segundo desses motivos foi por considerarmos que os dados já coletados e as reflexões que eles nos suscitaram podem ser úteis para orientar tomadas de decisões quanto à formação de jovens como produtores competentes de textos escritos no mundo pós-pandemia e vislumbrar propostas de intervenções que possam mitigar o longo impacto da pandemia de COVID-19 sobre essa parcela da população brasileira já tão afetada pela ausência de políticas públicas e intervenções privadas de toda ordem.

Se não trazem, portanto, respostas definitivas, os dados e as reflexões aqui apresentados nos dão, pelo menos, algumas pistas sobre as perguntas e os procedimentos que nós, professores/as e pesquisadores/as das ciências da linguagem podemos nos fazer e adotar – no que se refere à relação juventudes e escrita – nesse contexto pós-pandêmico que vai se configurar aos nossos olhos e que dá claros sinais de que:

os desafios colocados pela pandemia de Covid-19 impõem a necessidade de reimaginar as ciências sociais e humanidades em perspectiva interdisciplinar e suas possibilidades de ação nos contextos, espaços e dinâmicas de países e populações marcados pelas iniquidades na ciência, na saúde e na proteção social (MATA, SOUTO, REGO, SEGATA, 2021, p. 23).

Consideramos, assim, que o convite aos/as professores/as e pesquisadores/as das ciências da linguagem que nos leem neste periódico está feito.

## Referências

ANDRADE, Daine Eire Bizo de. **NOVO ENEM**: os impactos da prova de redação na prática dos professores de Língua Portuguesa das escolas de Petrópolis. 147f. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Católica de Petrópolis, 2015.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular** (Terceira Versão). Ministério da Educação, Brasília, DF: MEC, 2017. Disponível em: [http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC\\_publicacao.pdf](http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_publicacao.pdf). Acesso em 10/05/2021.

BRASIL. Secretaria Nacional de Juventude. **Estação juventude**: conceitos fundamentais – ponto de partida para uma reflexão sobre políticas públicas de juventude / organizado por Helena Abramo. – Brasília: SNJ, 2014.

CAMILLO, Eliane Juraski. Elucubrações sobre juventude e cultura juvenil: no singular ou no plural? Disponível em <https://eventos.ifc.edu.br/seminariointegrado/wp-content/uploads/sites/4/2015/03/ELUCUBRA%C3%87%C3%95ES-SOBRE-JUVENTUDE-E-CULTURA-JUVENIL-No-singular-ou-no-plural.pdf>. Acesso em 24 set 2022

CANI, Josiane Brunetti; SANDRINI, Elizabete Gerlânia Caron; SOARES, Gilvan Mateus; SCALZER, Kamila. Educação e covid-19: a arte de reinventar a escola mediando a aprendizagem “prioritariamente” pelas TDIC. **Revista IFESCiência**. Volume 6 - Edição Especial / Número 1 / Ano 2020 – p. 23-39. DOI: 10.36524/ric.v6i1.71. Acesso em 15 jun. 2021.

CARDOSO, Inês; PEREIRA, Luísa Alvares; LOPES, Célia da Graça; LOPES, Rui Patrício Andrade Pereira. **Os jovens e a escrita**: práticas escolares e extraescolares em Portugal. Educação em Revista. Belo Horizonte, v.34, 2018. <https://www.scielo.br/pdf/edur/v34/1982-6621-edur-34-e180889.pdf>.

CARDOSO, I.; PEREIRA, L. Á. A relação dos adolescentes com a escrita extracurricular e escolar – inclusão e exclusão por via da escrita. **Trabalhos em Linguística Aplicada**, v. 54, n. 1, p. 79–107, 2015.

COSTA, Maria Adélia. O currículo da educação profissional técnica de nível médio: desafios para a integração. **Revista Brasileira da Educação Profissional e Tecnológica**, [S.l.], v. 1, n. 18, p. e7948, fev. 2020. ISSN 2447-1801. Disponível em: <<http://www2.ifrn.edu.br/ojs/index.php/RBEPT/article/view/7948>>. Acesso em: 01 jun. 2021. doi:<https://doi.org/10.15628/rbept.2020.7948>.

COSTA, Maria Adélia; COUTINHO, Eduardo Henrique Lacerda. Educação Profissional e a Reforma do Ensino Médio: lei nº 13.415/2017. **Educação & Realidade**, Porto

Alegre, v. 43, n. 4, p. 1633-1652, out./dez. 2018. <http://dx.doi.org/10.1590/2175-623676506>. Acesso em: 01 jun. 2021.

DAYRELL, Juarez; CARRANO, Paulo. **Juventude e ensino médio**: quem é este aluno que chega à escola? In.: DAYRELL, Juarez; CARRANO, Paulo; MAIA, Carla Linhares (Orgs). Juventude e ensino médio: sujeitos e currículos em diálogo. Belo Horizonte : Editora UFMG, 2014. P.101-133.

DIAS, Érika; PINTO, Fátima Cunha Ferreira. A educação e a COVID-19. **Ensaio**: aval. pol. públ. Educ., Rio de Janeiro, v.28, n.108, p. 545-554, jul./set. 2020.

FRIGOTTO, Gaudêncio; CIAVATTA, Maria; RAMOS, Marise Nogueira (orgs.). **Ensino médio integrado**: concepção e contradições. São Paulo: Cortez, 2005.

GARCIA JARAMILLO, Sandra. **COVID-19 y educación primaria y secundaria: repercusiones de la crisis e implicaciones de política pública para América Latina y el Caribe**. Agosto 2020. [https://www.latinamerica.undp.org/content/rblac/es/home/library/crisis\\_prevention\\_and\\_recovery/covid-19-y-educacion-primaria-y-secundaria--repercusiones-de-la-.html](https://www.latinamerica.undp.org/content/rblac/es/home/library/crisis_prevention_and_recovery/covid-19-y-educacion-primaria-y-secundaria--repercusiones-de-la-.html). Acesso em 02 de maio de 2021.

INSTITUTO FERNANDES FIGUEIRA. **COVID-19 e saúde da criança e do adolescente**. Rio de Janeiro: Fundação Oswaldo Cruz, 2020.

INSTITUTO PRÓ-LIVRO. Retratos da leitura no Brasil. 5.ed. 11 de setembro de 2020. [https://www.prolivro.org.br/wp-content/uploads/2020/12/5a\\_edicao\\_Retratos\\_da\\_Leitura- IPL\\_dez2020-compactado.pdf](https://www.prolivro.org.br/wp-content/uploads/2020/12/5a_edicao_Retratos_da_Leitura- IPL_dez2020-compactado.pdf).

OLIVEIRA JÚNIOR, Osvaldo Barreto. **A redação do ENEM e o sucesso escolar entre alunos do Ensino Médio**. Disponível em: <http://www.ileel.ufu.br/anaisdosielp/wp-content/uploads/2014/11/163.pdf> . Consulta em 21 mai 2021.

Lima, Michelle Castro; Azevedo, Sabrina David de; NASCIMENTO, Ana Lúcia Ribeiro do. Currículo e práticas pedagógicas durante a pandemia de 2020. **Revista Itinerarius Reflectionis**. V.16. N.1. 2020. p.1-20.

MATTA, G.C., REGO, S., SOUTO, E.P., and SEGATA, J., eds. Os impactos sociais da Covid-19 no Brasil: populações vulnerabilizadas e respostas à pandemia [online]. Rio de Janeiro: Observatório Covid 19; Editora FIOCRUZ, 2021, 221 p. Informação para ação na Covid-19 series. ISBN: 978-65-5708-032-0.

MILIAUSKAS, Claudia Reis; FAUS, Daniela Porto. Saúde mental de adolescentes em tempos de Covid-19: desafios e possibilidades de enfrentamento. **Physis: Revista de Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 30(4), e300402, 2020. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-73312020300402>

SIMÕES, Aldo Geraldo. **Projeto de futuro de jovens da educação profissional técnica de nível médio da rede federal de educação profissional, científica e tecnológica atendidos pela Lei nº 12.711/2012 (Lei das Cotas)**. 195f. Dissertação (Mestrado em Educação Tecnológica). Departamento de Educação. Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais, 2019.

SPOSITO, Marília Pontes; SOUZA, Raquel; SILVA, Fernanda Arantes e. A pesquisa sobre jovens no Brasil: traçando novos desafios a partir de dados quantitativos. **Educação e Pesquisa**. São Paulo, v. 44, e170308, 2018. <https://doi.org/10.1590/S1678-4634201712170308>.

SCARAMUCCI, Matilde V. R. Efeito retroativo da avaliação no ensino-aprendizagem de línguas: o estado da arte. In: **Trabalhos em Linguística Aplicada**. Universidade Estadual de Campinas. Instituto Estudos da Linguagem. Campinas, SP, 2004. Publicação Semestral. Disponível em: <http://www.iel.unicamp.br/revista/index.php/tla/article/view/2202/1708>. Acesso em 01 jun 2020.

VAZQUEZ, Daniel Arias; CAETANO, Sheila; SCHLEGEL, Rogério; LOURENÇO, Elaine; NEMI, Ana; SLEMIAN, Andrea; SANCHEZ, Zila M. **Vida sem Escola e a saúde mental dos estudantes de escolas públicas durante a pandemia de Covid-19**. Disponível em <https://preprints.scielo.org/index.php/scielo/preprint/view/2329/3958>. Acesso em 01 jul 2021.

VICENTINI, Monica Panigassi. **O efeito retroativo da redação do Enem: uma análise das práticas de duas professoras do terceiro ano do Ensino Médio**. Disponível em: <https://www.ileel.ufu.br/anaisdosielp/wp-content/uploads/2014/11/208.pdf>. Consulta em 01 mai 2021.

Submetido em: 02 de julho de 2021.

Aprovado em: 09 de maio de 2022.

### Como referenciar este artigo

SANTOS, Rodrigo Alves dos; CORDEIRO, Gabriela Dutra. Pandemia de COVID-19 e o hábito de escrita de alunos concluintes do ensino técnico de nível médio: apontamentos sobre escrita e juventude. **Revista Linguagem**, São Carlos, v.42, n.1, 2022 p. 19-33.